

REMINISCÊNCIAS DE NARRADORES NO CÁRCERE: TRAJETÓRIAS DE OPRESSÃO

Ubiratan Machado Pinto¹

RESUMO: *para contemplar a análise das obras Recordações da Casa dos Mortos, de Fiódor Dostoiévski e Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos, procuro nesse ensaio sugerir alguns argumentos que expliquem como os textos apoiados em relatos verídicos são trabalhados de acordo com a linguagem ficcional. Dessa forma, os narradores de tais obras retornam, através da memória, ao tempo em que foram presos políticos, submetendo a imaginação à escrita que então se predispõe a registrar razões pelas quais autores resgatam o passado e reconstituem suas trajetórias de opressão.*

PALAVRAS-CHAVE: *Narrador – Isolamento – Tortura*

ABSTRACT: *I seek in this essay to suggest some reasons that explain how the text founded by veracious account are worked according to fictional language in order to reinforce analysis of the works Recordações da Casa dos Mortos, from Fiódor Dostoiévski and Memórias do Cárcere, from Graciliano Ramos. Then, the narrators of that works return, through memory, at the time they were political prisoner and subdue the imagination to writing that it predispose to register reasons for to express personal experiences narrated according to circumstances that have the authors to recover the past and to reconstruct theirs trajectories of oppression.*

KEYWORDS: *Narrator – Isolation – Torture*

O grande esmero com que muitas vezes alguns narradores no limiar da aura ficcional propõem-se a descrever vivências particulares frente à demanda literária, resulta na aceitação de escrituras por eles desenvolvidas como se fossem inerentes ao caráter de ficcionalidade. Além de considerar-se que tais escrituras se estruturam com uma linguagem subjetiva, esses textos também são gerados para transmitirem significações conforme as projeções miméticas de literariedade e as perspectivas temporais concernentes a quem nos tece ocorrências e desfechos acerca do passado. Uma voz espectral delimita o sentido de cada narrativa em torno da apreensão de quem a absorve, o leitor. Algo flui da interioridade da consciência, estimulando a compreensão desse mesmo leitor. A intencionalidade é firmar uma troca na qual a experiência individual do autor, na função de narrador, transcende até o ponto de transformar-se na experimentação do diálogo com alguém que lhe dará a possibilidade de ser narrado o seu desabafo. Assim, procederá a narração da sua visão de mundo e do fluxo dessa verbalização de modo a satisfazerem à dialógica leitor-narrador. Com o advento do romance são abarcadas, em alguns casos, as concepções psicológicas ou subjetivas de quem o escreve e, portanto, como disse Walter Benjamin, “escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites. Na riqueza dessa vida e na descrição dessa riqueza, o romance

¹ Mestrando do PPG-Letras/UFRGS. E-mail: ubiratanpinto@gmail.com

anuncia a profunda perplexidade de quem a vive” (BENJAMIN, 1994, p. 201). E a narrativa consolida-se a partir dessa perplexidade de vida, embora a riqueza e a descrição que menciono colaboram para o registro de experiências opressoras: as lembranças dos próprios narradores enquanto prisioneiros, enquanto pedaços de carne trancafiados dentro de um cárcere. É um relato verídico composto à guisa de narrativas de ficção. Por intermédio da memória, pode-se recordar, lembrar e, por esse aspecto, o trabalho literário procura sedimentar as idéias transpostas na materialidade do texto, além da importância essencial de “alma”, “olho” e “mão”, todas relevantes no processo de interatividade referente à construção da obra literária. Como explica Benjamin (ibid., p. 220-221), temos a ideia de que “a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos apreendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito”.

A narração serve ao narrador como meio pelo qual ele pode retornar ao passado em que vivera privado da liberdade. É essa a circunstância temporal que Dostoiévski evoca em *Recordações da Casa dos Mortos*. Por estar envolvido em uma inofensiva conspiração contra o czar Nicolau I, aos 27 anos o escritor russo é preso e deportado para Omsk, na Sibéria, devendo prestar quatro anos de trabalhos forçados. Depois de cumprir o tempo de condenação, volta para São Petersburgo e decide relatar em prosa essa experiência. Na introdução do romance, ele fala sobre a amizade feita com Alexandre Petrovitch Goriantchikov, ex-fidalgo e proprietário rural que ensinava francês e que fora anteriormente punido pelo assassinato da esposa, prestando dez anos de trabalhos forçados. Após sua morte, Dostoiévski descobre um caderno de anotações de Alexandre intitulado “Cena da Casa dos Mortos”, decidindo incorporá-lo ao que pretende realizar. Assim, recorda o tempo em que mantivera grilhões presos em torno dos pés e os horrores da vida de condenado: “Já disse que durante os meus anos de presídio jamais constatei entre os meus companheiros o menor remorso, o menor rebate de consciência; no seu foro íntimo, a maioria deles considerava que agira bem” (DOSTOIÉVSKI, 1956, p. 48).

A convivência com assassinos, matadores de profissão, malandros, e demais tipos dessa categoria, preenche a história de forma contundente, o autor-narrador pouco a pouco vai se lembrando do presídio e de que “os trabalhos forçados desenvolvem no criminoso apenas o ódio, a sede dos prazeres proibidos, e uma terrível indiferença espiritual” (ibid., p. 48). Para dar maior vazão ao que está escrito nessa obra, retiro um trecho em que fica bastante visível a sujeição dos presos, a humilhação perante àquela infame doutrina:

Os trabalhos forçados atuais, por mais despidos de interesse que sejam para os condenados, pelo menos não são inteiramente desprovidos de sentido. O forçado-operário fabrica tijolos, cava o solo, faz argamassa, edifica; e nessas tarefas há um pensamento, há um fim. Algumas vezes, até ele se interessa por sua obra, procura realizá-la melhor, mais habilmente. Mas se o empregarem, por exemplo, a carregar a água de um tonel para um outro, e do segundo para o primeiro, ou a esmagar areia, ou a transportar terra daqui para ali, e devolvê-la depois ao sítio primitivo - creio que ao cabo de poucos dias ele se enforcará, ou cometerá mil desatinos, a fim de merecer a morte e escapar àquele rebaixamento, àquela vergonha, àquele tormento. Aliás, essa espécie de castigo significando apenas tortura e vingança, seria insensata, porque ultrapassaria seu fim. Contudo, qualquer trabalho obrigatório contém a sua parte de tortura, de absurdo, de humilhação, e é esse o motivo que torna os trabalhos forçados incomparavelmente mais penosos que os outros (ibid., p. 56-57).

Nesse “mundo dos decaídos” também há vazão para a religiosidade. Com a tradução russa do “Novo Testamento”, o narrador Dostoiévski lera junto com os presos o “Sermão da Montanha”, e a esses despertara a atenção principalmente pelas palavras de Jesus, ou *Issa*, como eles o chamavam no idioma russo. Outra peculiaridade do cárcere era a escolha do cozinheiro, e o eleito fora Ossip. Eram eleitos para cozinha “os homens mais honestos e inteligentes que era possível encontrar” (ibid., p. 117). Entretanto, a rotina desses presidiários não era menos massacrante e absurda. Os presos precisavam de bebida (a vodca era mais comum), de negociar por qualquer dinheiro ou mercadoria em troca disso, além de não poderem extravasar de fato o anseio e a revolta naquele lugar, mortificados pelas próprias degenerações física e psicológica. Em uma passagem dessa obra, a evidência de que um sujeito, antes considerado alguém de boa conduta, torna-se agressivamente hostil, intolerante:

Espanta-se, e, no entanto a causa daquela explosão súbita, que ninguém esperaria de tal indivíduo, provém talvez de uma insidiosa mágoa de saudade, de uma angústia instintiva, de uma necessidade de afirmar o seu eu humilhado, deixando transbordar cegamente todo o seu ódio, até o paroxismo, até o furor, até ao espasmo da epilepsia. Assim, talvez, procede o homem que desperta fechado vivo num caixão, esmurra a tampa do catafalco e reúne todas as suas forças para o despedaçar. (DOSTOIÉVSKI, 1956, p. 131-132)

Esta é a *Casa dos Mortos*, como Dostoiévski se refere:

A Casa dos Mortos, repetia eu, olhando através do crepúsculo, pela porta da caserna, os forçados que voltavam do trabalho e que vagueavam pelo pátio, indo e vindo dos alojamentos para as cozinhas. (ibid., p. 135)

As considerações de Georg Lukács sobre *Recordações...* remete-nos a uma sensação de estagnação que muitas vezes ao prisioneiro se reservava. A solidão, a indiferença, o ódio em vão contra o seu próprio enclausuramento, a amortecida vontade de justiça dos mujiques, nada mais representavam do que uma potencialidade sufocada, um instinto de sobreviver ou resistir a qualquer custo, seja por preservação de dignidade humana, seja por insana rebeldia, diante do isolamento provocado pelo cárcere, e distante da sociedade civil. Lukács afirma:

O que está em causa aqui é o fato de que o homem só age realmente se imagina, pelo menos subjetivamente, um significado para a sua atividade, enquanto pelo contrário, a ausência de significado, o sem-sentido como concepção do mundo, reduz toda mobilidade a simples aparência e imprime à totalidade a marca do puro estatismo. (LUKÁCS, 1969, p. 60)

No presídio em que Dostoiévski permaneceu por quatro anos, existia a companhia de um cão conhecido como Charik, que lhe atenuava essa vida solitária, desumana. Todavia o ofício de moer o alabastro, o roubo de sua Bíblia para que um dos presidiários pudesse “beber o dinheiro”, as negociações do *iupim* (judeu) Isai Fomitch, o infernal banho de vapor, a benção do sacerdote com sua cruz e água benta no dia de Natal, o estado de debilidade física, a ida para o hospital militar, a perplexidade face à agonia de Mikhailov, morrendo de tuberculose, o castigo imposto a quem não se submetia ao tratamento médico (corte de bisturi por toda a largura do couro da nuca, introjetando no interior do corte

maços de algodão, de maneira que fique sempre exposta a cicatriz ao se puxar um pedaço desse algodão), todas essas circunstâncias, que alimentam as recordações do autor, nutrem de significados suas reminiscências. Stefan Zweig também não deixou de comentar a respeito dessa obra:

Suas Recordações da Casa dos Mortos, esse quadro imortal da vida de um forçado, desperta a Rússia de sua indiferença letárgica. A nação inteira descobre com pavor que a superfície unida e plácida do mundo russo esconde uma outra, um purgatório de todos os suplícios. (ZWEIG, 1946, p. 80)

A recepção dessa narrativa é aceita pelos jovens russos com reverência, e até mesmo pelo czar que o condenara. Afinal, trata-se de um depoimento rememorado pelo escritor aos 38 anos de idade, mais próximo de uma denúncia pública dos sofrimentos de outrora e, talvez, presságio ao devir dos novos tempos:

O homem e o cidadão se eclipsam para sempre no tirano. E a volta à consciência humana, ao arrependimento, à ressurreição, se lhe torna quase impossível. Acrescentemos que o poder ilimitado de gozo tem uma sedução perniciosa, que age por contrário sobre toda a sociedade. A sociedade que encara com indiferença ações desse jaez, já está contaminada até ao cerne. Em suma, o direito de punição corporal que um homem exerce sobre outro é uma das chagas da sociedade, é um meio seguro de abafar, ainda em germe, qualquer civismo e lhe provocar a decomposição. (DOSTOIÉVSKI, 1956, p. 280-281)

Na Rússia, a agricultura continuava sendo no início do século XX o modo de produção mais utilizado, mas o capital francês passou a ser investido na instalação de grandes fábricas ao passo que operários e camponeses sobreviviam face aos revides degradantes da miséria e trabalhavam sob condições precárias. Não tardaria muito para que fosse instaurado um regime socialista. A Revolução Russa (1917) mudaria o rumo da história do povo russo. E a Europa nunca mais seria a mesma depois da Fundação do Partido Nazista (1919), da II Guerra Mundial, do extermínio em massa de judeus e da Bomba Atômica jogada nas cidades de Hiroshima e Nagasaki. Pela conjuntura econômica das potências capitalistas dessa época, o medo pairava sobre os ombros dos homens. A finalidade era aniquilar com os movimentos operários da Europa. Assim, o Brasil posicionou-se ideologicamente conforme essa lógica, com a implantação da ditadura do Estado Novo de Vargas, implicando perseguição, tortura e ameaça aos militantes partidários do PCB (Partido Comunista Brasileiro) ou engajados na causa socialista. Em 1953, portanto, a publicação da obra póstuma de um estimado escritor brasileiro denuncia a tirania desse período com um pungente senso de lucidez. O autor fornece-nos um registro escrito de seu percurso solitário (e autobiográfico) quando fora preso por motivos políticos inconsistentes. Dessa forma, Graciliano Ramos, o autor a que me refiro, escreve *Memórias do Cárcere*, subdividido em 4 volumes; *Viagens*, *Pavilhão dos Primários*, *Colônia Correccional* e *Casa de Correção* (com acréscimo de *Explicação Final*). No início, as dificuldades para escrevê-la:

Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos – e, antes de começar, digo os motivos por que silencieei e por que me decido. Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa. (RAMOS, 1956, p. 5)

Linguagem enxuta, direta, a leitura da obra salienta o discurso ora singular e minucioso, ora complexo e angustiado do autor, usando expressões recorrentes como “aos solavancos”, “era como se esses órgãos não existissem”, tudo em função dos maltratos e da ausência de fome: “Estou a descer para a cova, este novelo de casos em muitos pontos vai emaranhar-se, escrevo com lentidão – e provavelmente isto será publicação póstuma, como convém a um livro de memórias” (ibid., p. 8).

Graciliano mostrava sua preocupação com a política do país:

O congresso apavorava-se, largava bambo as leis de arrocho – e vivíamos de fato numa ditadura sem freio. Esmorecida a resistência, dissolvidos os últimos comícios, mortos ou torturados operários e pequeno-burgueses comprometidos, escritores e jornalistas a desdizer-se, a gaguejar, todas as poltronices a inclinar-se para a direita, quase nada poderíamos fazer perdidos na multidão de carneiros. (ibid., 1956, p. 30)

Fragilmente debilitado, a experiência no cárcere proporcionou ao escritor reflexões severas no que diz respeito à humilhação que estava sofrendo junto aos outros prisioneiros da Ditadura do Estado Novo:

Conservei-me longamente arrimado ao peitoral, interrogando as trevas, aguçando o ouvido à procura de seus informadores: pedaços de conversas, pancadas de relógio. Nenhum sinal me orientava; a noite preguiçosa a arrastar-se; impossível saber se me achava no princípio ou no fim dela. Na verdade o tempo não era o que havia sido: tornara-se confuso e lento, cheio e soluções de continuidade, e nesses hiatos vertiginosos perdia-me, escorregava, os olhos turvos, numa sensação de queda ou vôo. Náuseas, aperto no diafragma. (ibid., p. 55)

Nesse misto de alucinação e indignação, ele também testemunhou as torturas durante o tempo de aprisionamento. E, para Graciliano, era cada vez mais delirante a assombrosa ideia de que trilhava a humanidade em direção à morte:

O mundo se tornava fascista. Num mundo assim, que futuro nos reservariam? Provavelmente não havia lugar para nós, éramos fantasmas, rolariamos de cárcere em cárcere, findaríamos num campo de concentração. (ibid., p. 198-199)

O escritor alagoano propõe-se a transformar, então, as recordações suspensas na memória em uma narrativa autobiográfica, mostrando preocupação e dificuldade de escrever sobre fatos verídicos que o comprometem, entretanto presume que sua escritura será obra póstuma. 1936 fora o ano em que ocorreram tais turbulências, alterando sua rotina em Alagoas, ainda que pudesse terminar de escrever o romance *Angústia*, comentar a respeito da precariedade das escolas, das perseguições aos intelectuais, do jejum e dos telegramas e insultos, sem motivos reais, da monotonia imposta pelo aprisionamento. Escritor severo, homem com sensibilidade social, Graciliano Ramos estava envolvido consigo mesmo no processo da escrita, e incomodado com o fato de ser chamado de comunista, pois nem era ainda filiado ao PCB. Indivíduo do fluxo de consciência, da introspecção, não mais ele permanecia em sintonia com o mundo externo; busca refúgio na leitura, na necessidade de tragar seus cigarros, no isolamento, na constante vigília. Escrevia

com pontas de lápis apontadas com canivete, em qualquer papel; enquanto isso, mais espancamentos e suicídios misteriosos ocorriam e ele ainda continuava horas a fio diante da folha em branco de papel, reconhecendo o calvário do hábito de escrever. Logo, ele e seus companheiros de cárcere seriam transferidos para o porão de um navio, com armas apontadas nas costas, chegando a Maceió obscuramente, ao passo que o estado de depressão causava-lhe indiferença com o que estava vivendo. Redigia sentado num caixão, sentia-se desmoralizado ao extremo e outra vez são remanejados para uma extensa galeria úmida onde permanece cerca de quatro meses. Agora estavam no *Pavilhão dos Primários*. E não estava livre da monotonia que, para ele, havia em todo cárcere. Havia a presença de mulheres prisioneiras e, dentre elas, estava a militante comunista Olga Prestes. O *Pavilhão dos Primários* era insalubre, proliferava-se com facilidade a praga de percevejos. Conviviam com marginais, eram chamados esporadicamente pela polícia, contra eles eram cometidos atos de tortura (mais comum o torniquete), suspendiam suas visitas e os transferiam para a *Colônia Correccional*. Entram num salão limpo, com pintura nova, e lá havia esteira para dormir e lençóis. Na *Casa de Correção*, Graciliano aloja-se na enfermaria e termina o conto *Relógio do Hospital*, apronta seu romance, conversa com companheiros e fica sabendo que Olga Prestes fora levada pela Gestapo e assassinada num campo de concentração nazista. *Memórias do Cárcere*, enfim, é encerrada com a explicação final de Ricardo Ramos, filho de Graciliano, no 4º volume dessa obra:

Faltava apenas um capítulo destas memórias, quando morreu Graciliano Ramos. Escrevera todos os volumes em trabalho contínuo, lento é verdade, mas sem interrupções. Uma viagem ao estrangeiro, no entanto, ofereceu-lhe o suficiente para um novo livro, um livro que o interessou e o fez abandonar – por algum tempo, supunha – a obra quase terminada. Já doente, registrando com dificuldade as impressões que os países visitados lhe haviam deixado, não tentou concluir *Memórias do Cárcere*. E se às vezes procurávamos lembra-lhe esse fato, respondia:

– Não há problema. É tarefa de uma semana.

[...] Julgou-se precisa uma explicação acerca do capítulo não escrito. Alinhamos as nossas recordações, em seguida as comparamos as de outras pessoas da família. E foi tudo o que pudemos trazer sobre o assunto. (RAMOS, 1956, p. 162-164)

Com a obra de Graciliano Ramos e a de Dostoiévski, pode-se encontrar afinidades em comum entre elas, cujas testemunhas de uma realidade obscurecida pelas próprias sombras da prisão e conscientes da violência, da degradação e da miséria foram submetidas ao cárcere. A justificativa desses narradores, cada qual em sua época, para levar a cabo a representação de um mundo dissonante e asfíxiado é retomar algo do passado, calcado na experiência própria, para postular o presente em forma de depoimento escrito. Para Adorno (1986, p. 270) “narrar algo significa, na verdade, ter algo especial a dizer e que já é ideológica a própria pretensão do narrador”. Mesmo se fosse uma realidade inventada, o conteúdo dessas obras literárias é intrínseco à experiência de quem a formularia, “o narrador parece fundar um espaço interior que lhe poupa o passo errado no mundo estranho”. E, a última consideração de Adorno (ibid., p. 271): “o narrador ergue uma cortina; o leitor deve participar de coisas acontecidas, como se estivesse de corpo presente”.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Coleção Pensadores*. Rio de Janeiro: J Zahar, 1986.
- BENJAMIN, Walter. *O Narrador*. In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- DOSTOIÉVSKI, Fiodor Mikhailovitch. *Recordações da Casa dos Mortos* (tradução de Raquel de Queiroz). Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1956.
- LUKÁCS, Georg. *Realismo Crítico Hoje*. Brasília: Coordenada - Editora de Brasília LTDA, 1969.
- RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1956.
- ZWEIG, Stefan. *Os Construtores do Mundo*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1946.